



Campeonato Brasileiro de Asa Delta 2025

Regras

Antes de subir aos céus, os pilotos precisam seguir regras claras e coordenadas previamente definidas. Segundo informações da organização da Confederação Brasileira de Voo Livre (CBVL), comandada por Douglas Nascimento e Ricardo Ortega, cada prova é traçada com antecedência por meio de um arquivo digital carregado nos dispositivos GPS dos atletas. Esse arquivo delimita a área autorizada para o voo, os pontos obrigatórios de passagem (conhecidos como “waypoints”) e o local de pouso.

A altitude máxima permitida nesta etapa foi de 3.300 metros. A média das provas variou entre 95km e 100 km de distância, e o piloto que completasse o percurso no menor tempo possível, respeitando todos os parâmetros, venceria a tarefa do dia.

Brasília no centro do voo livre

O retorno do campeonato à Brasília, após um hiato desde 2018, reforça a importância da região para o esporte. O evento reuniu atletas de países como Austrália, Colômbia, Argentina e Paraguai, reafirmando o caráter internacional da competição, organizada pela CBVL com apoio da Associação de Voo Livre do DF e prefeituras locais.

Além das disputas aéreas, a logística da etapa também foi cuidadosamente planejada. Os pousos aconteceram em um ponto estratégico: a área de reserva natural da Embrapa Cerrados, em Planaltina (DF), que ofereceu segurança, amplo espaço e integração com o meio ambiente. Já a cerimônia de premiação teve um cenário à altura da conquista, realizada no Mormaii da Terceira Ponte, com vista privilegiada para o Lago Paranoá e clima de celebração entre pilotos, equipes e apoiadores.

“Esse ano nós tivemos duas etapas do Campeonato Brasileiro sendo uma em Andradas que é divisa de Minas Gerais com São Paulo e a outra aqui em Brasília”, explicou Douglas Nascimento.

O desafio do espaço aéreo

Ao Correio da Manhã, a principal dificuldade relatada pelos pilotos foi a limitação do espaço aéreo sobre Brasília – ponto que ganhou destaque na fala do australiano Jonny Durand, vencedor da etapa geral na categoria Elite.

“Um dos nossos maiores problemas este ano é o espaço aéreo. Muitos pilotos tiveram dificuldades tentando se manter abaixo do espaço aéreo e muitos tiveram pontuações muito baixas por causa disso. Na sexta-feira (29), apenas três pilotos atingiram a meta.



Alex Farias/PhotoGP

Repórter Karoline Cavalcante entrevista o veterano Álvaro Sandoli, o “Nenê Rotor”

Alguns ventos fortes também. Houve desafios, mas foram seis dias ótimos e intensos”, disse Durand.

A crítica à limitação do espaço aéreo também foi reforçada por um dos nomes mais respeitados do voo livre brasileiro: o veterano Álvaro Sandoli, o “Nenê Rotor”, que retornou às competições após sete anos afastado – e viu o título escapar justamente por conta das punições relacionadas à zona de segurança do espaço aéreo.

“Brasília é demais, mas infelizmente sofremos com restrição de espaço aéreo. A gente fica se sentindo voando dentro de uma gaiola. Mas faz parte, todo lugar está sendo assim hoje em dia. Em particular, eu acho que a gente tem que se adequar à regra, mas também precisa ser o mais maleável possível, porque é uma regra extremamente restritiva”, iniciou Nenê.

O piloto criticou o sistema de penalização, que reduz a pontuação mesmo quando o piloto não ultrapassa efetivamente o limite, mas apenas se aproxima da altitude máxima permitida.

“Quando você chega num percentual antes do limite do espaço aéreo, você já começa a ser punido, só que você não invadiu, entendeu? Na minha opinião, tinha que ser

assim: invadiu o espaço aéreo, zera a prova. Mas se o piloto está abaixo e não invadiu, não tem por que tirar porcentagem do voo dele. Eu mesmo fui altamente prejudicado aqui, com três dias de punição – e não invadi nenhum deles, só cheguei perto. Isso tirou o meu título de campeão brasileiro. Se você somar a minha pontuação sem essa regra que me puniu, eu estaria em primeiro, tanto na etapa quanto no ano. Eu seria o campeão novamente. Mas faz parte, a gente tem que absorver e seguir. A vida segue, né?”, desabafou.

Mesmo com o gosto amargo da punição, Nenê terminou com um sorriso no rosto e um motivo especial para comemorar. “Mesmo assim, eu estou feliz por estar voando junto com meus filhos e com todo mundo, nesse lugar maravilhoso de voo”, finalizou à reportagem.

Três categorias, um só céu

A competição foi dividida em três categorias:

Elite: Asa delta de alta performance, capaz de atingir altas velocidades – onde voam os grandes nomes do esporte.

Rígida FAI5: Equipamentos com flaps,

que atingem velocidade superior às outras categorias.

Sport: Asas mais seguras, com kingpost (ferro na parte superior), ideais para transição à Elite.

Campeões brasileiros 2025

- Elite:
- 1 - Glauco Pinto
 - 2 - Marcelo Morganti Ferro
 - 3 - Álvaro Sandoli “Nenê Rotor”
- Rígida FAI5:
- 1 - Gustavo Corsini
 - 2 - Rafael Francisco R. dos Santos
 - 3 - George Antonio Hennel
- Sport:
- 1 - Marcelo Alexandre Menin
 - 2 - Guilherme Werneck Richa
 - 3 - Luiz Gustavo de Andrade Maximo

História, tradição e futuro

A Rampa Dr. José Menck segue como palco de grandes histórias do voo livre nacional. A área, cedida pela família Menck – em especial após o falecimento do Dr. José Menck em 2015 –, hoje é mantida por seus sucessores e monitorada pelo Instituto José Menck, que há cinco anos atua na preservação ambiental local.